Os naturalistas e o Ceará:
V - Rodolpho Marcos Theóphilo (1853 - 1932)

MELQUÍADES PINTO PAIVA(*)

Visto na perspectiva do tempo sempre passando, que amortece detalhes de menor importância e acentua delineamentos de amplo horizonte, podemos considerar Rodolpho Marcos Theóphilo (1853 – 1932) um varão de excepcionais qualidades, de cultura polimorfa, professor, escritor e cientista voltado para o bem comum, industrial pioneiro e sanitarista combatente, estudioso das secas e da natureza cearenses — um servidor atento e constante do povo do Ceará.

A atribulada vida que levou na cidade de Fortaleza, envolvendo-se com temas polêmicos e lutas políticas, trouxe-lhe adversários impiedosos e agressivos, agora apagados pela poeira dos dias que se foram, bem guardados no esquecimento das gerações que se sucedem. Ao contrário, Rodolpho Theóphilo já assumiu o seu lugar na história e cultura do Ceará, terra que adotou por vontade própria – "sou cearense porque quero".

Existem numerosas fontes bibliográficas sobre a vida e a obra do nosso homenageado, algumas delas relacionadas neste trabalho, porém nenhuma excede em volume e/ou qualidade o livro de Waldy SOMBRA (1997) - *Rodolpho Theóphilo: o varão benemérito da Pátria – vida e obra*, base fundamental do esboço biográfico que apresentamos nas páginas a seguir, sem qualquer pretensão de originalidade – na verdade, um simples resumo. Um outro estudo, a destacar, é de sua própria autoria, apresentado nas páginas I – XXXIII – "Bibliographia - Rodolpho Marcos Theophilo", do livro *A secca de 1915*, a ser comentado neste trabalho.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará

Filho legítimo do médico Marcos José Theóphilo, cearense de Fortaleza, com Antônia Josefina Sarmento Theóphilo, baiana com raízes familiares no Ceará, Rodolpho Marcos Theóphilo nasceu em 06 de maio de 1853 na cidade de Salvador, logo sendo levado para Fortaleza, onde se batizou no dia 02 de outubro daquele ano, na igreja de Nossa Senhora do Rosário.

"Ao Ceará, que amo perdidamente, penso será indifferente terme como um filho, tanto que o illustre historiador Barão de Studart, cidadão inglez, me excluiu de seu diccionario biobibliographico, allegando ser eu bahiano, quando a minha certidão de idade, unico documento existente para provar a minha naturalidade, nada diz do logar em que nasci." (THEOPHILO, 1931: 31).

Com a morte do pai, ocorrida em 1864, Rodolpho Theóphilo enfrentou a orfandade na pobreza, mas contou com o apoio do tio/padrinho José Antônio da Costa e Silva, que o internou, à sua custa, no Ateneu Cearense, famoso educandário de Fortaleza, em julho de 1865, onde permaneceu até dezembro daquele ano, mas ficou como aluno externo durante dois anos, no turno da noite, pagando seus estudos como professor de turmas mais atrasadas. Em dezembro de 1867 passou a estudar no Colégio Praxedes e Queiroz, continuando como caixeiro. Assim, começou a mostrar a combatividade, que o acompanhou por toda a vida!

Em dezembro de 1872 já se encontrava no Recife, para fazer os exames preparatórios, por lá ficando até março do ano seguinte, trabalhando como amanuense no Hospital Militar, para assegurar a manutenção na capital de Pernambuco. Então, foi viver em Salvador, tendo ingressado no curso de Farmácia da Faculdade de Medicina da Bahia, colando grau em 20 de dezembro de 1875 – durante sua permanência na cidade de Salvador, de início recebeu subvenção oficial dada pela Assembléia Provincial do Ceará; depois ficou como aluno pensionista da Farmácia do Hospital Militar da Bahia.

De volta ao Ceará, abre farmácia em Pacatuba, mas em 1877 estava à frente da Pharmácia Theóphilo, na antiga Rua da Palma (atual Rua Major Facundo), no centro de Fortaleza.

A seca de 1877 – 1879 despertou o seu espírito de caridade e luta em favor dos miseráveis batidos pela trágica ocorrência, levando-o a se tornar um dos mais importantes estudiosos do flagelo climático que periodicamente assola o Ceará, com o costumeiro abandono dos pobres, quase sempre vítimas da inoperância governamental — as conseqüências econômicas e sociais das secas nordestinas, ainda agora, no final do século XX, bem atestam o descaso das nossas elites dirigentes em relação às populações que ocupam o espaço do chamado Polígono das Secas.

"O espírito altruístico do farmacêutico desdobra-se espontaneamente no atendimento aos enfermos e subnutridos. Parece sua Farmácia o consulado da miséria. Põe à prova todos os seus conhecimentos a favor dos indigentes, assistindo-os, socorrendo-os. O Ceará, pelos traços aparentes, celebrava um contrato de exclusividade com a fome, a penúria, insignificantes os recursos oriundos da Corte para amenizar tanto sofrimento." (SOMBRA, 1997: 39).

Na esteira das sucessivas secas vinha a varíola, dizimando milhares de retirantes. Isto levou Rodolpho Theóphilo a assumir, por conta própria e risco de vida, o nobre papel de sanitarista combatente, fabricando a vacina e a aplicando nos arrebaldes da cidade de Fortaleza, inclusive sendo hostilizado por médicos a serviço do governo. Tão longa luta solitária, um verdadeiro apostolado, trouxe a erradicação da peste no Ceará, consagrando-o como varão benemérito do povo cearense.

Como professor, vamos encontrar Rodolpho Theóphilo integrando o corpo docente da Escola Normal do Ceará em 1889, ensinando Ciências Naturais. A partir de 1890 vinculou-se ao Liceu do Ceará, como professor interino de Biologia e Ciências Naturais, antes de se tornar catedrático de Mineralogia, Geografia e Meteorologia (1894), cadeira extinta por ato do presidente do Estado (1905), sendo ele, então, designado para a cadeira de Lógica. Com a negativa de assumir o ensino desta disciplina, foi demitido do cargo vitalício que ocupava, desmedida violência praticada pelo comendador Antônio Pinto Nogueira Acyóli, seu desafeto político.

O espírito humanitário de Rodolpho Theóphilo o encaminhou para a luta pela abolição da escravatura no Ceará, ao lado de tantos outros, com destacada participação na libertação dos negros de

Pacatuba, Maranguape e Maracanaú em 1883, declarada pela Sociedade Libertadora Cearense.

Foi empresário no campo dos produtos farmacêuticos, produzindo vacinas e bebidas não alcoólicas, entre estas a conhecida cajuína, feita a partir do suco do caju, cujo processo de fabricação resultou de suas próprias pesquisas.

Como intelectual, foi jornalista combativo e escreveu muitos opúsculos e livros, configurando grande e valiosa obra literária, histórica, científica e política, abrangendo ampla gama de conhecimentos. Em Fortaleza, participou do Clube Literário, da Padaria Espiritual (onde foi padeiro-mor), do Centro Literário, da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), neste último como sócio efetivo, cuja posse ocorreu em 24 de dezembro de 1912. Também pertenceu aos quadros de sócios do Instituto Arqueológico Alagoano, do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Sociedade de Geografia de Paris.

Rodolpho Theóphilo foi agraciado, por ordem do imperador Pedro II, com a comenda de Oficial da Ordem da Rosa (1883), atendendo aos marcantes serviços prestados pelo farmacêutico à humanidade.

Casou-se em 24 de maio de 1879 com Raimunda (Raimundinha) Cabral de Melo, filha do comendador português Antônio Cabral de Melo e Henriqueta Hermínia Cabral, assumindo o nome de Raimunda Cabral Theóphilo. O casal deixou um filho adotivo, o farmacêutico Raul Theóphilo.

Rodolpho Theóphilo faleceu em sua residência, situada no Boulevard Visconde de Cauípe, 563, na cidade de Fortaleza, na tarde do dia 02 de julho de 1932. Deixou este mundo quando outra terrível seca assolava o Ceará!

Escritor naturalista

Nesta parte do presente estudo vamos considerar apenas os trabalhos publicados por Rodolpho Marcos Theóphilo, voltados para as ciências da Natureza, com os comentários julgados pertinentes. Em verdade, esta não é uma fácil seleção, porque toda a

sua obra se encontra permeada de temas do naturalismo, pois acreditava na força das ciências para a solução dos problemas da humanidade.

Um breve lançar de olhos sobre os seus escritos naturalistas, possibilita identificar as principais vertentes científicas onde eles se conformam, a saber: causas e efeitos das secas, flora regional, controle sanitário e educação da juventude através de obras didáticas.

*** THEOPHILO, R. - 1883 - *Historia da Secca do Ceará (1877 a 1880)*. Typ. do Libertador, 501 + 5 pp., [IX] ests., [Fortaleza].

Sem qualquer dúvida, esta é a principal obra científica de Rodolpho Theóphilo, na vertente das causas e efeitos da seca. Trata-se de alentado estudo sobre a seca de 1877 - 1879, que assolou o Ceará, da qual foi testemunha atenta e participante na luta contra os efeitos trágicos que alcançaram o povo desvalido do sertão, em busca de socorro para a simples sobrevivência.

Este é um livro pioneiro na abundante literatura sobre as secas nordestinas, pelo acúmulo de precisas informações estatísticas sobre a cronologia da grande seca de 1877 - 1879, indicando as alterações dela decorrentes nos ciclos normais da produção agrícola e do criatório.

De início, o autor apresenta uma memória sobre a então província do Ceará antes da seca, donde destacamos os seguintes aspectos de interesse para o presente trabalho: situação, limites, superfície, litoral, configuração física, orografia e hidrografia; clima, estações, chuvas, secas (relação desde 1710), grandes invernos (chuvas caídas em Fortaleza nos anos de 1849 - 1876), variações atmosféricas, riquezas minerais e vegetais, com maior atenção para a carnaubeira; indústrias extrativa, agrícola e criadora (pastoril).

É longa a lista das espécies incluídas nas riquezas vegetais do Ceará, segundo agrupamentos de usos, como plantas medicinais, de marcenaria, de construções, de tinturaria, oleíferas, gomíferas, resiníferas, têxteis e alimentícias (incluindo fruteiras). Da carnaúba descreve com detalhes os seus diversos usos, alguns deles agora pouco conhecidos.

No tocante à indústria extrativa, informa que os principais produtos eram os seguintes: borracha da maniçoba, cera e palhas da carnaúba, cera de abelhas silvestres, madeiras, ervas medicinais, salinas, pesca, caça, etc. Diz que a produção do camurupim já tinha sido muito elevada, pois em 1813 exportaram-se 1.017.451 peixes secos pelo porto do Acaraú e que a pomba-de-bando (arribaçã) estava sujeita à devastação dos animais e do homem.

Os mais importantes produtos da indústria agrícola eram algodão, café, açúcar e derivados, fumo, mamona, farinha de mandioca, polvilho, arroz, milho, feijão e frutas.

A exportação do algodão começou em 1810, mas o grande desenvolvimento dos cultivos decorreu do elevado preço na Europa, conseqüência da guerra civil nos Estados Unidos da América (1861 - 1865).

"De um anno para outro, a provincia cobriu-se de algodoaes; derribavam-se as mattas seculares do littoral ás serras, das serras ao sertão; o agricultor com o machado em uma das mãos e o facho n'outra deixava após si ruinas ennegrecidas. Os homens descuidavam-se da mandioca e dos legumes, as proprias mulheres abandonavam os teares pelo plantio do precioso arbusto; era uma febre que a todos hallucinava, a febre da ambição." (p.26). De 1867 a 1870 exportaram-se 22.765.214 kg de algodão; em 1871 começou a baixar a produção, com a queda do preço no mercado internacional.

As primeiras sementes do cafeeiro chegaram ao Ceará em 1822, trazidas de Pernambuco e recebidas pelo capitão Antônio Pereira de Queiroz, que as plantou ao redor de sua casa, em Baturité. Em 1824 Domingos da Costa e Silva levou dali algumas mudas para a serra da Aratanha, plantando-as no lugar chamado Serrinha. Dois anos depois (1826), João da Costa e Silva recebeu do seu irmão alguns pés do cafeeiro, que os plantou no sítio Boaçu. A primeira colheita de café no Ceará ocorreu em 1829. Da serra da Aratanha o cafeeiro espalhou-se para a serra de Maranguape e voltou para Baturité, onde já tinha desaparecido.

As primeiras "sementes" da cana-de-açúcar vieram para o Ceará em meados do século XVII, procedentes de Pernambuco. A produção de rapadura e aguardente logo se desenvolveu no Cariri

e na Serra Grande, mas o açúcar começou a ser exportado em 1847, com produção nos municípios de Aquiraz, Pacatuba, Acarape e Fortaleza.

Por largos anos, a indústria pastoril foi a única da capitania/ província do Ceará, apesar das secas, "que por vezes a tem deixado quasi aniquilada, a industria pastoril teve um desenvolvimento immenso." (p. 37).

Concluída tal memória sobre a província do Ceará, de certo modo um resumo atualizado da famosa obra de Tomaz Pompeo de Sousa BRASIL (1863/1864) – *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará*, Rodolpho Theóphilo inicia o detalhamento mensal/anual da seca de 1877 – 1879, descrevendo as misérias que abateram o povo cearense, as medidas de socorro adotadas com acertos e erros, a incidência de doenças e epidemias que atingiram a população flagelada, a promiscuidade dos acampamentos de retirantes, a emigração para outras províncias e o espantoso obituário; também relaciona a quantidade de chuvas e a pluviosidade registradas em Fortaleza, em cada mês dos anos estudados. Até agora, ninguém coletou tantas informações precisas e detalhadas sobre as secas no Ceará, nos seus aspectos naturais, econômicos, sociais e políticos, reunidas numa única obra, como fez Rodolpho Theóphilo no livro aqui comentado, o que confere singularidade e pioneirismo ao seu autor.

"O anno de 1877 veio encontrar a população do Ceará fruindo as venturas de um bem estar de trinta e dous annos. Longe iam na memoria de todos as scenas horriveis de 1845. Não se pensava que cedo ou tarde egual calamidade havia voltar, que a secca, maldicto legado do povo cearense, viria de novo cobril-o de lucto."(p. 77).

É marcante a apologia da açudagem, como meio de minimizar os efeitos da seca em curso, nas suas próprias palavras: "Os criadores mais previdentes tinham a seu favor o poderoso auxilio dos açudes. Além do peixe, de excellente qualidade e muitas vezes em quantidade sufficiente para uma grande familia, faziam nas margens grandes *vasantes* que produziam, de um modo admiravel, melancia, melões, gerimum, feijão ligeiro, macaxeira e batatas. Quem possuía um deposito d'agua regular e podia

preserval-o do furto do peixe, atravessaria o flagello sem passar por grandes privações."(pp. 89 - 90).

Um outro aspecto, de nosso interesse, corresponde à utilização de plantas xerófilas como **alimentos da seca**, relacionando aquelas e descrevendo seus usos pelos flagelados, com os decorrentes efeitos sobre a saúde, com belas ilustrações das plantas e trágicas fotografias dos doentes.

A respeito da mucunã diz existirem dois tipos, a vermelha e a preta, diferentes na cor e tamanho das sementes, que são maiores na preta, com cobertura de pêlos. Da mucunã-vermelha os flagelados se alimentavam da fécula das sementes e das raízes; da mucunã-preta somente utilizavam as raízes. Modo de preparar: reduziam as sementes a massa, já sem o duro invólucro (episperma), que é lavada em nove águas, depois espremida e levada ao fogo para torrar e fazer a farinha. "A mucunã suja mata a lavada aléja." (p. 101). Descreve o progresso do envenenamento dos que consomem tal farinha, conduzindo à anasarca e à morte, dizendo ainda que as mulheres ficam privadas da menstruação por muito tempo, quando sobreviviam à ação do veneno.

Sobre a macambira informa a existência de dois tipos, a de flexa e a de tabuleiro, diferentes pelo tamanho do pedúnculo. Os flagelados se alimentavam da parte ainda aderida à base do tronco, formada de folhas rudimentares, brancas e tenras (mangará), cozidas por algumas horas, com secagem para fazer massa de beijus e mingaus. Da mesma forma utilizavam o croatá, também conhecido como gravatá.

Das raízes da maniçoba faziam farinha, extraindo substância amilácea. Registra duas espécies, a maniçoba-grande e a maniçobinha (maniçoba-ramalhuda), esta a preferida para alimento pelos flagelados.

Cuida também da goma obtida da massa da raiz do pau-de-mocó, depois de lavada em muitas águas. Descreve o habitat da planta e informa que sua fumaça causa cegueira. "Nos sertões, para destruir as formigas, dizem, basta folear os formigueiros com o páo de mocó."(p. 134).

Ainda como alimentos dos flagelados indica a medula assada do xique-xique e o suco da planta, que enrouquece quem o bebe;

também, a goma extraída das carnaubeiras novas (quandus), que ainda não tenham formado o tronco.

O autor é parcimonioso no registro de efeitos da seca sobre a fauna nativa. Em julho de 1877: "Até as aves arribaram. Não era raro ver-se, nos arrebaldes da capital, bandos de papagaios, jandaias e pombas de aza branca que, forçados pelo instincto da conservação, tinham deixado os sertões em busca das praias." (p. 115). Em outubro de 1877 a praga de morcegos, conhecida em todas as secas, começou a aparecer. No fim do ano de 1878 as pombas-de-bando (avoantes/arribaçãs) formaram grandes pombais, que propiciaram o comércio das aves abatidas e secas — descreve o comportamento da espécie e os métodos de caça.

Em agosto de 1878 a varíola chegou a Aracati, trazida do Rio Grande do Norte, logo alcançando a cidade de Fortaleza. Detalha os tipos da doença — pele de lixa, olho de polvo, tabardia, canudo, fogo, etc. — e registra o andamento da epidemia, que se propagou por todo o Ceará, decrescendo consideravelmente no início de 1879, tornando-se endêmica.

No final deste valioso livro, Rodolpho Theóphilo contesta as conclusões de reunião havida em 18 de outubro de 1877, no Instituto Politécnico, sob a presidência do Conde d'Eu, a respeito de medidas para minorar os efeitos da seca, emanadas principalmente de Guilherme Schüch de Capanema (Barão de Capanema), que foi membro da Comissão Científica de Exploração — ver BRAGA (1962). "A causa das seccas são correntes athmosphericas, os factos o provam exuberantemente." (p. 492). Recomenda a "construcção de pequenos açudes e disseminados por toda a zona do interior, como medida unica capaz de minorar os effeitos das seccas." (p. 494). "Se querem o plantio de arvores para alimento dos rebanhos, aconselhem aos criadores a cultura do joazeiro (*ziziphus joazeiro*) e melhor ainda da canafistula, arvores que se conservam frondosas em todo o verão, e de cujas folhas os gados se alimentam." (p. 494).

No último capítulo do livro também contesta a opinião do Barão de Capanema sobre a relação entre manchas solares e as secas, estas ocorrendo nos anos de mínimas manchas solares.

*** THEOPHILO, R. - 1888 - *Monographia da mucunã.* Typ. Universal, 23 pp., [Fortaleza] Ceará.

Nesta pequena/grande monografia, Rodolpho Theóphilo amplia suas observações sobre a mucunã, a respeito da planta, seu uso como alimento e o resultante envenenamento que pode levar à morte dos flagelados, contidas no livro antes comentado.

A mununã é planta bem conhecida no Ceará, por ser o **pão dos famintos** durante as secas, embora contenha substância tóxica associada à fécula. Seu consumo provoca um estado mórbido, com rosto escaveirado e macilento, além do abdômen e os membros inferiores extraordinariamente filtrados. Os flagelados consomem a fécula da raiz e da semente, que provoca desarranjos do aparelho digestivo, com calor elevado e sensação de peso no estômago, com sede intensa.

O veneno pode ser eliminado pela água, quando a fécula é lavada em **nove águas**. Mesmo assim, o consumo da farinha da mucunã provoca envenenamento lento, que leva à morte, depois de perturbações de todas as funções vitais, com disúria acentuada e declarada anasarca — "a mucunã suja mata, lavada faz mal".

Diz que a mucunã não era conhecida como planta alimentícia, mas considerada medicinal, com o uso de sementes no combate à lombriga; o cozimento da raiz, tomado como gargarejo, cura feridas da garganta.

Descreve a mucunã, que é encontrada em todos os terrenos do Ceará, desde a costa até o alto sertão, com a presença de duas espécies, a mucunã-mansa (lisa) e a mucunã-brava (cabeluda).

Informa que a mucunã-mansa ainda não estava classificada, o que era verdade na época, correspondendo agora à espécie *Dioclea sclerocarpa* Ducke, também chamada mucunã-de-batata, que é a de maior importância como **alimento das secas**. Sua descrição da mucunã-mansa, como *Mucuna glabra* Theóphilo, não tem aceitação entre os botânicos, por não haver sido feita de acordo com normas internacionais de nomenclatura científica. A respeito desta espécie, assegura que viu raízes com mais de dois metros de comprimento e trinta centímetros de diâmetro, pesando acima de cem quilos e que uma só planta chega a ter mais de quinhentos quilos de

raízes. Da haste decepada da mucunã-mansa escorre **água** que sacia a sede dos flagelados.

Indica que a mucunã-brava, também conhecida como mucunã-cabeluda, corresponde à espécie *Dolichos prurtens* L., o que não está de acordo com BRAGA [(1953) 1960], que a denomina como *Mucuna sloanei* Fawe & Randle, sendo ainda conhecida como olho-de-boi.

Faz acerba crítica ao Dr. João Baptista de Lacerda, então diretor do Museu Nacional, que nunca lhe deu qualquer resposta ao pedido de análise da fécula extraída da raiz da mucunã e lamenta o descaso público com o problema das secas no nordeste do Brasil.

Esta é uma monografia pioneira e valiosa sobre plantas do semi-árido nordestino, agora muito pouco conhecido, ressaltando o uso da mucunã como alimento alternativo de populações flageladas pelas secas.

*** THEOPHILO, R. - 1889 - *Curso Elementar de Historia Natural.* Typ. Universal, 137 pp., 66 figs., [Fortaleza] Ceará.

Na parte que trata da Botânica Descritiva existem referências a plantas do Ceará, tais como a carnaubeira — descrição, abundância e usos; a macambira; o gravatá-comum; o cardo-santo, tido como hemostático; o jeriqui, com sementes empregadas no tratamento das moléstias dos olhos; o cumaru, de uso na marcenaria, com casca/sementes utilizada(s) na cura do reumatismo; o mulungu, servindo para a fabricação de balsas e tratamento de moléstias nervosas; o angelim, que é madeira de construção, com sementes usadas como vermífugo; o jacarandá, que serve para a marcenaria de móveis de luxo; a mucunã — onde repete informações contidas na *Monographia da mucunã* (1888); a mangerioba, que é medicinal, servindo para **enfartes** do fígado e na hipohemia tropical; a zabumba (= figueira-do-inferno), planta muito venenosa, empregada no tratamento de doenças nervosas. Esta é uma relação de plantas nativas e dos seus usos no Ceará.

Menciona e faz comentários sobre plantas nativas e exóticas do Brasil, destacando a distribuição e usos delas, muitas ocorrendo no

Ceará, com destaques para a carnaubeira e a mucunã; lista as plantas que servem como **alimentos da fome**, como a carnaubeira, a macambira, o gravatá-comum e a mucunã; repete informações sobre o cafeeiro, a cana-de-açúcar e o algodão-mocó, contidas no livro *Historia da Secca do Ceará (1877 a 1880)*, já comentado; por fim, ainda trata da mandioca.

As informações sobre plantas nativas e exóticas do Ceará, com os seus usos e valor econômico, permanecem de importância e têm presença assegurada em estudos sobre a flora e agricultura cearenses.

*** THEOPHILO, R. - (1889) - *Sciencias Naturaes em Contos*. Livraria Classica de Francisco Alves, 3a. ed., [VI] + 295 pp., 104 figs., Rio de Janeiro/São Paulo.

Livro de contos sobre temas das ciências naturais, com objetivo didático, adotado em escolas do Ceará e de São Paulo, tendo sido aprovado pelos respectivos Conselhos Superiores de Instrução Pública.

Devemos destacar os contos "O Cafeeiro" (pp. 64 - 76), "Euphorbiaceas" (pp. 77 - 89) e "Canna de Assucar e Beterraba" (pp. 90 - 102), com informações já apresentadas em trabalhos anteriores.

*** THEOPHILO, R., (1901) 1922 - *Seccas do Ceará (Segunda metade do seculo XIX)*. Imprensa Ingleza, 264 pp., [1] fig., Rio de Janeiro.

Este livro cuida das secas ocorridas no Ceará, na segunda metade do século XIX, nos anos de 1877 a 1879, 1888 a 1889, 1898 e 1900. As duas intermediárias foram apenas parciais, mas a primeira e a última se mostraram totais, com trágicas conseqüências para o povo cearense, em termos de sofrimentos e prejuízos de toda a ordem. Rodolpho Theóphilo acompanhou pessoalmente o desenrolar de tais secas, observando e anotando dados estatísticos das chuvas e do clima, das retiradas e das emigrações, das vítimas de endemias/epidemias, do obituário e dos socorros privados e públicos em favor da população flagelada. Ninguém melhor do que ele documentou e transmitiu às gerações seguintes a avalanche

de dor e a epopéia de resistência dos cearenses às agressões da natureza e desmandos dos governos.

No que diz respeito à seca de 1877 a 1879, o autor fez somente um resumo do seu grande livro, a ela pertinente e antes comentado; para as demais secas estudadas, ele nos deixou uma crônica das ocorrências, com maior atenção para 1900, cobrindo os aspectos naturais, sanitários, econômicos, sociais e políticos. O livro se destaca como um brado de revolta contra o abandono do povo, acuado pelas secas e agredido por governantes distanciados dos acontecimentos, inclusive com a clara intenção de despovoar o Ceará.

Do nosso ponto de observação, cabe-nos tão-somente destacar aspectos relacionados com as ciências naturais, encontrados no livro aqui comentado.

Logo no início, o autor fala da ressurreição da natureza cearense, após os tristes anos de 1877 - 1879, com o enverdecer das plantas e o pronto aparecimento da babugem, inclusive se referindo à erva-de-jericó, que brota após 24 horas da primeira chuva; também registra a abundância da cascavel, matando-se até mais de 100 indivíduos por hectare de roçado.

Agora tratando da seca de 1900, afirma o aparecimento da peste bubônica (febre de caroço) no mês de agosto, possivelmente importada do Rio de Janeiro com os carregamentos de víveres, bem como o recrudescimento da varíola. Fala das precárias condições sanitárias vigentes na cidade de Fortaleza, onde as febres palustres são grandes fatores da elevada mortalidade, resultante da carência de água potável e falta de esgotos.

Já no início de 1901, com a suspensão das chuvas em janeiro e março, houve grande praga de lagartas, depredando os cultivos em fase de crescimento.

Um ponto de alto interesse é o do retorno da fauna nativa, após a seca de 1900, instalada a verdura na área assolada pela falta de chuvas. Fala com o devido conhecimento da chegada das pombas-de-bando e da formação dos pombais, descrevendo o comportamento das aves, a atração de animais carnívoros, os métodos de caça e o preparo da produção para venda nas cidades. Diz que um caçador, após cerca de 2 horas no fojo e por ocasião da **bebida**, podia abater de 2 a 3 mil avoantes.

Ao tratar da desativação dos serviços da seca em 1901, informa que dos açudes em construção restou apenas o Cedro, mesmo assim, com pessoal reduzido.

Mais uma vez insiste na recomendação da açudagem, como meio de minorar os efeitos negativos das secas. Transcreve o relatório do engenheiro Jules Jean Revy, datado em 30 de outubro de 1880, sobre o reservatório a ser formado com o fechamento do boqueirão cortado pelo rio Salgado, nas proximidades da cidade de Lavras da Mangabeira, repondo antigo lago ali existente. Sobre a topografia do sertão cearense, nos diz que ela própria clama por açudagem. "Açudes que resistam três annos de secca naturalmente construidos, faltando sómente fechar a gargante, onde desliza na estação invernosa um correg ou riacho, se contam aos centos em todo o Estado." (p. 232).

Por fim, lembra os cultivos de plantas xerófilas, resistentes às secas, destacando a manipeba (variedade da mandioca), pela sua longevidade e qualidade da farinha produzida a partir de suas raízes.

*** THEOPHILO, R. – 1903 – As manchas do sol e as seccas. A causa destas e os meios de attenuar seus effeitos. **In:** *Comemorando o Tricentenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará 1603 – 1903*, pp. 419 – 431. Typ. MINERVA, de Assis Bezerra, 431 + II pp., II ests. + 1 mapa, (Fortaleza) Ceará.

Este trabalho trata da relação entre as manchas solares e a ocorrência de secas no Ceará, estas acontecendo quando aquelas chegam ao mínimo, num ciclo que compreende 11,1 anos em média, conforme hipótese levantada em 1877, pelo Instituto Politécnico do Rio de Janeiro.

Com base nos registros de secas no Ceará, nos anos de 1711 – 1900, incluindo os totais de chuvas caídas a partir de 1849, comparados com os números anuais de manchas solares, o autor contesta a hipótese acima referida, dizendo não existir a "pretendida coincidencia entre o minimo de manchas solares e as seccas do Ceará".

Por outro lado, afirma que as secas no Ceará são resultantes de correntes atmosféricas, o que se ajusta aos modernos conhe-

cimentos sobre a causa maior dos flagelos que periodicamente assolam o espaço e o povo cearenses. Suporta a sua conclusão com observações feitas a partir de 1877, dizendo que o fenômeno climático é sempre acompanhado de ventos fortes de leste e de sudeste.

No final do artigo, Rodolpho Theóphilo recomenda o represamento das águas das chuvas, como meio de atenuar os efeitos das secas, "guardando agua dos invernos para depois gastal-a methodicamente, irrigando os campos, fertilizando-os, que conseguiremos fazer do Ceará, esse mendigo eterno, um dos mais ricos Estados do Brazil."

*** THEOPHILO, R. – 1904 – *Variola e vaccinação no Ceará.* Impresso nas officinas typographicas do "Jornal do Ceará", 244 pp., Fortaleza.

De início, trata da epidemia da varíola em Fortaleza, ocorrida em 1878, atacando principalmente os abarracamentos dos flagelados pela grande seca em curso desde o ano anterior. Descreve os tipos da doença (tabardia, pele de lixa, olho de polvo, canudo, fogo, etc.), sendo a canudo a mais terrível. Retrata cenas dantescas que se tornaram comuns, com os ajuntamentos de enfermos, transporte e sepultamento dos milhares de cadáveres. Fala dos esforços do poder público para controlar a epidemia, que se tornaram frustrados pela ineficiência das vacinas recebidas do Rio de Janeiro, imunizando poucas das pessoas vacinadas. A varíola se propagou a quase todas localidades do interior cearense, desatendidas nos seus pedidos de socorro, porque o Governo não dispunha dos meios apropriados para o combate sanitário.

Depois de 1878, a varíola tornou-se endêmica em Fortaleza: declinava muito no período das chuvas (inverno), quase não aparecendo novos casos, mas aumentava no período seco (verão); facilmente assumia condições epidêmicas, com a ocorrência das secas sucessivas.

"Basta dizer que a variola é a companheira das seccas e estas são por sua vez o mal congenito da terra cearense." (p. 5).

Na seca de 1900 o mesmo quadro de dor e abandono, quando "a fome e a variola estavam acabando o Ceará." (p. 69). A vacina

enviada pelo Instituto Vacinogênico do Rio de Janeiro não prevenia a doença, imunizando a população. "O serviço da vaccinação no Ceará foi sempre deficiente por falta de boa vaccina." (p. 88).

Isto o levou à instalação do seu Instituto Vacinogênico do Ceará, ocorrida em 1°. de janeiro de 1901, na própria residência, como medida oportuna e humanitária, projeto mantido por custeio pessoal, pioneiro no preparo de vacina animal no Ceará. "Estava deveras empenhado na realisação de meu projecto, não só pelos beneficios que traria ao Ceará, como também por ver derrotados os adversarios da minha idéia." (p. 91)... "Eu não temia o povo, porem os ignorantes com rotulos de illustrados." (p. 99).

Desde então, Rodolpho Theóphilo atendia a população em sua casa, sem qualquer pagamento, aplicando a vacina e orientando procedimentos sanitários. Depois, passou aos subúrbios de Fortaleza, em verdadeiro apostolado, inclusive fazendo levantamentos estatísticos dos doentes encontrados em suas visitas. Por fim, todo o Ceará mereceu a sua atenção, através da Liga Cearense Contra a Varíola, com 53 comissões vacinadoras instaladas em 1902 pelo interior cearense. Em 1901 vacinou 5.585 pessoas em Fortaleza e seus arredores, sem qualquer acidente.

"O meu modesto instituto vaccinogenico estava montado sem luxo, mas de modo a poder fornecer vaccina animal á população de Fortaleza, e do Ceará inteiro." (p. 149). Já no fim de 1902 a varíola desaparecera completamente de Fortaleza. "Este serviço foi, como já disse, fatigante, exhaustivo, pela repugnancia do povo a vaccina; mas sinto-me feliz por ter tido animo para vencer os desfallecimentos de meu espirito, de ter tido a coragem precisa para não esmorecer em meio do caminho." (p. 191).

Ao final de 1904 já tinham sido vacinadas 10.843 pessoas, sendo 1.906 no interior, 945 no prolongamento da Estrada de Ferro e o restante em Fortaleza. Estava erradicada a varíola no Ceará.

Esta é a principal obra de Rodolpho Theóphilo, na vertente do controle de endemias, descrevendo luta sem tréguas contra a varíola e seus detratores, que o fez merecedor do respeito que os cearenses agora lhe tributam. Vitória alta para uma vida nobre, tornando-o um verdadeiro apóstolo do Ceará.

Recentemente, apareceu um **fac-simile** da edição de 1904, publicado pela Fundação Waldemar Alcântara (Fortaleza, 1997).

*** REDONDO, G. & THEOPHILO, R. – 1907 – *Botanica Elementar*. Livraria Classica de Francisco Alves, 2ª. ed., III + 389 pp., 348 figs., Rio de Janeiro/São Paulo.

Esta é uma versão corrigida e ampliada do *Curso Elementar de Historia Natural* da autoria de Rodolpho Theóphilo, publicado no ano de 1889 em Fortaleza, já comentado, agora trazendo Manuel Ferreira Garcia Redondo (1854 – 1916) como primeiro autor. Repete informações antes destacadas e/ou comentadas.

Recentemente, apareceu um **fac-simile** da edição de 1907, publicado pela Fundação Waldemar Alcântara (Fortaleza, 1997).

*** THEOPHILO, R. - 1910 - *Varíola e Vaccinação no Ceará* (nos annos de 1905 a 1909). Typ. Minerva, XLII + 138 + LXXIX pp., [1] est., Fortaleza.

De certa forma, este livro é a continuação do que foi publicado em 1904 sobre a varíola e a vacinação no Ceará, antes comentado. Comporta três partes bem distintas, o que explica a numeração de suas páginas em algarismos romanos e arábicos.

Na parte primeira - *Juizo da imprensa*, estão transcritos editoriais publicados em importantes jornais da imprensa brasileira a respeito do anterior livro *Varíola e Vaccinação no Ceará*, enaltecendo o seu autor pela luta destemida para erradicar a varíola no Ceará, numa demonstração da repercussão nacional do trabalho desenvolvido por Rodolpho Theóphilo.

A segunda parte - *Varíola e Vaccinação no Ceará*, contém o relato da campanha de vacinação/revacinação desenvolvida nos anos de 1905 a 1909, para assegurar a anterior extinção da varíola no espaço cearense, localizando e combatendo novos focos da peste, causados por doentes chegados ao Ceará, com registros anuais dos trabalhos desenvolvidos por ele próprio e pelas comissões vacinadoras e mesmo o declarado combate das autoridades estaduais, com abrigo no jornal governista *República* e na ação do

médico Meton de Alencar, então Inspetor de Higiene do Estado do Ceará, portanto, responsável pela saúde pública no Ceará.

No ano de 1905 ocorreu violenta polêmica entre Rodolpho Theóphilo e Meton de Alencar, com sucessivos artigos publicados no *Jornal do Ceará* e na *República*, deflagrada logo no início de março e acirrada a partir de julho, em decorrência do conteúdo relacionado com a saúde pública, na mensagem do governo à Assembléia Estadual. Desde então, eles se tornaram verdadeiros inimigos, nos anos compartilhados de suas vidas, sob a forma de continuadas agressões pela imprensa e declarada perseguição pessoal e /ou oficial contra o nosso homenageado.

Nesta parte do livro, ora comentado, nos cabe destacar dois importantes documentos:

• expediente firmado pelo Dr. Figueiredo Vasconcellos, em 10 de maio de 1907, do Instituto Sorotherápico Federal e dirigido ao diretor do Instituto de Manguinhos, atestando a inocuidade da vacina preparada por Rodolpho Theóphilo em relação a infecções bacteriológicas estranhas, contrariando as autoridades sanitárias do Ceará, por causa da morte, decorrente de meningite, de um menino recentemente vacinado contra a varíola;

• carta firmada por Rodolpho Theóphilo em 20 de maio de 1908 e dirigida ao Dr. Oswaldo Cruz, que ainda foi publicada na *Imprensa* da cidade do Rio de Janeiro (edição de 6 de junho de 1908), solicitando do então Diretor Geral de Higiene Pública do Brasil, a construção/ instalação de um isolamento para bexigosos aportados ao Ceará, que não mereceu qualquer resposta do louvado sanitarista e maior autoridade federal na área da saúde pública.

"Termino o meu relatório affirmado com grande satisfação achar-se a varíola extincta em Fortaleza e em todo o Estado desde janeiro de 1902 até hoje. Os casos que têm se dado foram em pessoas aqui aportadas." (p.138).

Na parte terceira - *Appendice* estão somente os artigos publicados por Rodolpho Theóphilo e Meton de Alencar, em jornais de Fortaleza e no ano de 1905, com mútuas e violentas agressões, no contexto da polêmica antes referida.

*** THEOPHILO, R. – 1919 – *A secca de 1915*. Typ. Moderna – Carneiro & Cª, XXXIII + 152 pp., com 1 tabela em página não numerada, (Fortaleza).

Trata dos aspectos econômicos, sociais e políticos das secas, mais uma vez condenando os ajuntamentos dos flagelados, que levam a condições sanitárias deprimentes, com o aumento das doenças endêmicas. Fala da indiferença dos poderes públicos no tocante aos sofrimentos impostos aos cearenses durante as secas e da demora no atendimento dos flagelados. Mais uma vez, condena a imprevidência dos governos no permanente combate aos efeitos das secas, aumentando a resistência do povo aos flagelos delas decorrentes, reafirmando a necessidade de grandes açudes no Ceará.

No tocante às **doenças das secas**, comenta as que se evidenciaram em 1915 e que não houve casos de varíola em Fortaleza, por causa da retomada da campanha de vacinação.

Do ponto de vista demográfico, assinala a redução da população do Ceará por causa das secas, pelo aumento de óbitos e evasão para outras regiões do Brasil.

Por fim, apresenta dados pluviométricos anuais de Fortaleza, no período 1849 – 1916, e para alguns anos os totais de chuvas caídas na capital cearense, nos meses do primeiro semestre. Também, faz comparações de aspectos observados na seca de 1915 com os de outras anteriores, a partir de 1877.

*** THEOPHILO, R. – 1922 – *A secca de 1919*. Imprensa Inglesa, 98 pp., [1] fig., [I] est., [IV] quadros, Rio de Janeiro.

Neste pequeno livro, o autor trata do velho problema das secas, destacando seus aspectos econômicos, sociais e políticos no Ceará; também se debruça sobre as suas causas, acentuando a importância dos ventos, informando que os efeitos negativos das estiagens podem ser minimizados com a proteção das matas e a açudagem com irrigação; estuda os indícios pronunciadores das secas, envolvendo aspectos científicos e da cultura popular.

"Quarenta e tantos annos de observações diarias fizeram-me crer que a causa das seccas é a unica e simplesmente a direcção dos ventos." (p. 49).

No que diz respeito à seca de 1919, estuda a cronologia e volume das chuvas caídas em Fortaleza, com dados da sua própria coleta e, no todo espaço do Ceará, com base nos registros da Inspetoria Federal do Obras Contra as Secas, referentes a 1919 – 1920.

Com a autoridade que lhe conferiu longa vida dedicada ao combate de endemias no Ceará, trata dos aspectos sanitários comuns aos períodos de secas, dizendo ser a varíola a companheira de tais ocorrências, mas afirma que a sua incidência foi desprezível em 1919, tendo havido um surto em Fortaleza em 1920; em 1919 a endemia de maior prevalência, relacionada com a estiagem, foi a da febre amarela. Destaca a importância da não concentração dos flagelados, para a redução dos efeitos das endemias associadas com as secas.

Ainda informa que o Instituto Vacinogênico do Ceará, por ele fundado em 1º. de janeiro de 1901, de sua propriedade e sob a sua própria direção, foi pioneiro no Ceará na propagação de vacinas, com maior atenção para o controle da varíola.

Esta é obra de menor importância, quando comparada com outras de sua autoria sobre as secas do Ceará, antes publicadas e já comentadas.

*** THEOPHILO, R. – 1931 – *Coberta de Tacos.* Typ. Moderna – F. Carneiro, 173 pp., Fortaleza.

Trata-se de uma coletânea de artigos sobre diversos assuntos, dois deles de interesse para este estudo: "A Prophylaxia da Febre Amarella em Fortaleza" (pp. 115 – 127) e "O Contagio da Variola" (pp. 135 – 150).

• *1º artigo* – Informa haver conhecido Fortaleza como cidade salubre, perdendo esta situação com o aumento da população e o descaso pela saúde pública. Relaciona endemias presentes em Fortaleza e no interior, destacando a varíola e o cólera-morbo, como as de maior importância, a primeira já extinta no Ceará. Discute as causas das secas e faz comentários sobre a Comissão Científica de Exploração. Fala sobre o controle de mosquitos e indica os principais criadouros. Conclui ser a água uma das causas da insalubridade de Fortaleza e que o correto abastecimento é uma questão primordial da Saúde Pública.

• *2º artigo* – Trata da presença da varíola em Fortaleza e no Ceará, discute os modos de contágio e ressalta a eficiência da vacina no controle e extinção da endemia.

Os trabalhos destacados não mostram maior importância, tratando os assuntos neles contidos de forma ligeira, com apelo jornalístico e conforme conhecimentos disponíveis na época em que foram escritos, muitos deles já superados pelos avanços científicos.

Observação: não vamos comentar os inúmeros artigos de Rodolpho Theóphilo sobre temas das ciências naturais, publicados em jornais de Fortaleza. Assim, nos restringimos a textos aparecidos em livros.

O homem e o tempo

A vida de Rodolpho Theóphilo foi uma sucessão de lutas em campos os mais diversos, das quais as mais acirradas decorreram de problemas políticos, em virtude de sua postura oposicionista ao governo de Antônio Pinto Nogueira Acyóli, que o demitiu do cargo de professor catedrático e vitalício do Liceu do Ceará. Daí é fácil explicar a acumulação de inimigos e detratores militantes, que muitas vezes tornaram amargos os dias de sua existência.

Neste trabalho, não vamos discutir a procedência das críticas de natureza literária, econômica e política, por serem assuntos que fogem dos objetivos que temos em mente, e porque carecemos de qualificações para tal procedimento.

Restringindo-nos ao campo das ciências naturais, o exame da críticas feitas à vida e à obra de Rodolpho Theóphilo não merecem maior atenção, por causa da desqualificação científica dos seus detratores, hoje bem esquecidos. Entretanto esta avaliação não comporta a atuação do médico Meton de Alencar, que foi Diretor de Higiene do Estado do Ceará, autor de livro com graves críticas ao nosso homenageado — ver ALENCAR (1923).

Deste livro, contendo capítulos sobre assuntos diversos, são do nosso interesse os reparos feitos à fabricação/aplicação da vacina contra a varíola e à formulação/indicação de produtos farmacêuticos. Depois de muito comentar o processo de fabricação da

vacina e o desleixo na sua aplicação por carência das normas de higiene, Meton de Alencar chega à final conclusão: "Ora, se o sr. Rodolpho Theóphilo, por teimosia ou por ignorancia dos conhecimentos que reclama uma tão importante industria, prima em preparar uma lympha a cujo fabrico não preside o menor cuidado prophylactico nem assiste escrupulo necessario, porque havemos de proclamar o seu nome como o de um benemerito, se, de envolta com algum beneficio que realmente faça, póde occasionar serios e graves disturbios á saude individual?" (pp. 62 – 63).

Respondemos a esta indagação afirmando que o tempo é o melhor atestador de verdades e que os resultados obscurecem defeitos na condução dos processos. Agora, seria insanidade mental e/ou carência de seriedade, contestar o valioso trabalho de Rodolpho Theóphilo em benefício do povo, na condução de luta contra endemias/epidemias, com foco maior na erradicação da varíola no Ceará.

A respeito da formulação/indicação de produtos farmacêuticos fabricados por Rodolpho Theóphilo, as críticas de Meton de Alencar se concentram no xarope anti-asmático de urucu, afirmando que ele "mostra-se descuidado ou ignorante de preceitos rudimentares de chimica e da arte de formular" (p. 88), e que o remédio não pode ser empregado contra a coqueluche, como deseja e recomenda o seu formulador. Aceitamos a procedência das críticas, mas condenamos as agressões pessoais contra o nosso homenageado. A conduta científica se sujeita a procedimentos éticos, desprovidos de emoções diversas, impondo serenidade e análise competente dos assuntos em foco.

Apesar das acerba crítica acima relembrada, o xarope de urucu é um dos poucos medicamentos fitoterápicos popularizados e bem aceitos no nordeste do Brasil há mais de um século, sendo ainda comercializado em escala regional; seu principal componente é a tintura das sementes do urucu (MATOS, 1991).

A nossa Rachel de Queiroz, cearense da melhor estirpe, que bem conheceu Rodolpho Theóphilo nos últimos anos de sua preciosa vida de sanitarista combatente, escreveu crônica de louvor, por ocasião do centenário de seu nascimento. "Neste mês de maio, precisamente no dia seis, comemora-se o centenário de nascimento

de um grande brasileiro, baiano de nascimento, cearense de coração, que deixou nome feito nas letras, nas ciências e na bem-querência pública: chamou-se ele Rodolfo Teófilo." (QUEIROZ, 1953).

Agradecimentos: Mais uma vez devemos agradecer ao ilustre cearense José Bonifácio Câmara, por nos haver emprestado alguns dos títulos deixados por Rodolpho Marcos Theóphilo, incorporados à sua preciosa biblioteca. Também, somos gratos a Waldy Sombra, pelo envio de xerocópias de trabalhos que lhe solicitamos.

Glossário de nomes vulgares

Abelhas silvestres = espécies da família Meliponidae; algodão = espécie(s) do gênero *Gossypium* L.; algodão-mocó = *Gossypium hirsutum* L. var. *marie – galante* Hutchinson; angelim = *Andira retusa* H. B. K. e/ou *Derris araripensis* Benth.; arribaçã = *Zenaida auriculata noronha* (Chubb); arroz = *Orysa sativa* L.; avoante = *Zenaida auriculata noronha* (Chubb); cafeeiro = *Coffea arabica* L.; camurupim = *Tarpon atlanticus* (Val.); cana-de-açúcar = *Saccharum officinarum* L.; canafístula = *Cassia excelsa* Schrad., *Cassia ferruginea* Schrad., *Cassia fistula* L., *Cassia grandis* L. e/ou *Cassia multijuga* Rich.; cardo-santo = *Argemone mexicana* L.; carnaúba (= carnaubeira) = *Copernicia cerifera* (Arr. Câm.); cascavel = *Crotalus durissus* L.; croatá = *Bromelia karatas* L.; cumaru = *Torresea cearensis* F. All.; erva-de-jericó = *Selaginella convoluta* Spring; feijão = *Phaseolus vulgaris* L. e/ou *Vigna sinensis* Endl.; feijão-ligeiro = variedade de *Vigna sinensis* Endl.; formiga = espécie(s) da família Formicidae; fumo = *Nicotiana tabacum* L.; gerimum = *Cucurbita pepo* L.; gravatá = *Bromelia karatas* L.; gravatá-comum = *Bromelia karatas* L.; jacarandá = *Machaerium acutifolium* Vog. e/ou *Zollernia paraensis* Hub.; jandaia = *Aratinga solstitialis jandaya* (Gmelin); jeriqui = *Abrus precatorius* L.; juazeiro = *Zizyphus joazeiro* Mart.; macambira = *Bromelia laciniosa* Mart.; macambira-de-flexa = *Encholirion spectabile* Mart.; macambira-de-tabuleiro = *Bromelia laciniosa* Mart.; macaxeira = *Manihot dulcis* Pax; mamona = *Ricinus communis* L.; mandioca = *Manihot utilissima* Pohl; mangerioba = *Cassia occidentalis* L. e/ou *Sesbania exasperata* H. B. K.; maniçoba = *Manihot*

glaziovii M. Arg.; maniçoba-grande = *Manihot glaziovii* M. Arg.; maniçoba-ramalhuda = *Manihot microdendron* Ule; maniçobinha = *Manihot microdendron* Ule; manipeba = *Manihot utilissima* Pohl; melancia = *Citrullus vulgaris* Schrad.; melão = *Cucumis melo* L.; milho = *Zea mays* L.; morcego = espécie(s) da ordem Chiroptera; mucunã = *Dioclea sclerocarpa* Ducke; mucunã-brava = *Mucuna sloanei* Fawe & Randle; mucunã-cabeluda = *Mucuna sloanei* Fawe & Randle; mucunã-de-batata = *Dioclea sclerocarpa* Ducke; mucunã-lisa = *Dioclea sclerocarpa* Ducke; mucunã-mansa = *Dioclea sclerocarpa* Ducke; mucunã-olho-de-boi = *Mucuna sloanei* Fawe & Randle; mucunã-vermelha = *Mucuna urens* DC; mulungu = *Erythrina aurantiaca* Ridl., *Erythrina glauca* Willd. e/ou *Erythrina velutina* Willd.; papagaio = espécie(s) da família Psittacidae; pau-de-mocó = *Luetzelburgia auriculata* Ducke; pomba-asa-branca = *Columba picazuro* Temminck; pomba-de-bando = *Zenaida auriculata noronha* (Chubb); urucu = *Bixa orellana* L.; xique-xique = *Cereus gounellei* K. Schum.; zabumba = *Datura stramonium* L. e/ou *Datura metel* L.

Bibliografia consultada

ALENCAR, M. – 1923 – *O Sr. Rodolpho Theophilo e a sua Obra: estudo crítico*. Typ. Gadelha, 128 pp., [II] ests., Fortaleza.

ALVES, J. – (1953) 1982 – *História das Secas (Séculos XVII a XIX)*. Fundação Guimarães Duque/Coleção Mossoroense, 243 pp., Mossoró.

BESSA, M. N. – 1968 – *A macambira (bromélia forrageira)*. Secretaria de Cultura do Ceará, 140 pp., 12 + 6 figs., Fortaleza.

BRAGA, R. – (1953) 1960 – *Plantas do Nordeste, Especialmente do Ceará*. Imprensa Oficial, VIII + 540 pp., Fortaleza.

BRAGA, R. – 1962 – *História da Comissão Científica de Exploração*. Imprensa Universitária do Ceará, 491 pp., 39 figs., Fortaleza.

BRASIL, Th. P. S. – 1863/1864 – *Ensaio Estatistico da Provincia do Ceará*. Typ. de B. de Mattos, tomo I – XVI + 839 pp., tomo II – 330 pp., [São Luís].

CAPANEMA, G. S. – 1878 – *Apontamentos sobre Seccas do Ceará*. Typographia Nacional, [III] + 22 pp., Rio de Janeiro.

DUCKE, A. – 1959 – Estudos botânicos no Ceará. *An. Acad. Brasil. Ciên.*, Rio de Janeiro, *31* (2): 211 – 308.

GUERRA, Ph. N. – 1912 – A Carnaúba: sua exploração e seu valor. *Bol. Min. Agric. Ind. Comm.*, Rio de Janeiro, *I* (1): 80 – 95.

GURGEL, J. J. S. – 1982 – Rodolpho Theóphilo – uma vítima da calúnia e da inveja. *Rev. Acad. Cear. Farm.*, Fortaleza, *II* (2): 112 – 115.

MATOS, F. J. A. – 1991 – Do naturalista Feijó ao prof. Dias da Rocha: quase dois séculos de fitoterapia no Ceará. *Rev. Bras. Farm.*, Rio de Janeiro, 72 (1): 21 – 24.

MATOS, J. M. D. – 1982 – Rodolpho Marcos Theóphilo – o farmacêutico. *Rev. Acad. Cear. Farm.*, Fortaleza, *II* (2): 95 – 101.

MEDEIROS, A. – 1956 – Rodolfo Teófilo (o Homem e a Obra). **In:** *Crítica (2ª série) (1946 – 1948)*, pp. 1 – 61. Edições Clã, 198 pp., Fortaleza.

MENEZES, E. D. B. – 1997 – Rodolpho Theophilo, um apóstolo leigo. **In:** THEOPHILO, R. – *Varíola e vacinação no Ceará*, pp. V – XV. Fundação Waldemar Alcântara, XV + 244 pp., Fortaleza.

POMPEU SOBRINHO, Th. – ( ) 1982 – *História das Secas (Século XX)*. Fundação Guimarães Duque/Coleção Mossoroense, 541 pp., Mossoró.

QUEIROZ, R. – 1953 – Rodolfo Teófilo. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ed. 16/05/1953: 106.

RIEDEL, O. - 1982 – Rodolpho Marcos Theóphilo, o cientista. *Rev. Acad. Cear. Farm.*, Fortaleza, *II* (2): 101 – 107.

SOMBRA, W. – 1997 – *Rodolpho Theóphilo: o varão benemérito da Pátria – vida e obra.* Secretaria Municipal de Cultura e Desporto, 318 pp., [23] figs., Maracanaú.

STUDART, [G.] (Barão) – 1909 – *Climatologia, epidemias e endemias do Ceará.* Typ. Minerva, 74 pp., Fortaleza.